

O COMUNISTA



ORGÃO DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUEZ (S. P. I. C.)

Numero avulso 20 centavos

PROPRIEDADE DO

GRUPO EDITOR DO COMUNISTA



Redactor principal: J. CARLOS RATES

EDITOR: JOAQUIM RODRIGUES

Redacção e Administração

RUA DO CONDE DAS ANTAS, 51 r/o

Composição e impressão

TRAVESSA DA AGUA DE FLOR, 36 - LISBOA

A organização

POR

Celulas e secções

Em Lisboa está já reorganizado o Partido, sob a base de celulas por fabrica ou empresa. Dado o carácter fragmentário da nossa industria, este trabalho oferece sérias dificuldades. As celulas contém um diminuto número de individuos. E mesmo assim nem todos os filiados estão agrupados por fabricas ou empresas, havendo que agrupar alguns por secções industriais.

O agrupamento local tinha uma tradição fortemente democrática e os partidos comunistas devem ter uma feição nitidamente proletarianas. A nova forma de agrupação tem, pois, assinaladas vantagens sobre a forma anterior.

E' evidente que se não pretendeu fazer uma organização no papel. Os secretarios das celulas e das secções devem fazer reunir a miúdo os seus componentes e obrigá-los à troca de impressões sobre os problemas politicos, economicos e sindicais do momento. Estas reuniões podem realizar-se à saída da fabrica ou da officina, em qualquer local ou à hora das refeições, se assim for possível.

Tudo pode conter matéria de ensinamento e discussão.

Na hora presente a luta contra a União dos Interesses Economicos presta-se a mil comentários e deduções a que um operário consciencioso não pode ser estranho.

Mas há outros problemas — a questão da unidade sindical internacional, por exemplo.

A luta do capitalismo contra o proletariado é internacional. O triunfo do proletariado na Russia assolveu contra elle todos os Estados capitalistas, desde a democrática Inglaterra ao despótico Japão. Todos os capitalismos se entenderam para óste ataque comum. Se amanhã os anarquistas conduzirem o proletariado da Espanha ou da Italia ao triunfo teriam de suportar um ataque idêntico.

Por isso a luta do proletariado contra o capitalismo deve desenvolver-se no terreno internacional também.

Actualmente há três internacionalis sindicais com os seguintes effectivos:

I. Amsterdã.....	15.000.000
I. S. Vermelha (Moscou).....	12.000.000
A. S. T. (Berlim).....	200.000
	27.200.000

Ora se os capitalistas, sem exclusão de tendências politicas ou religiosas, se entendem contra o proletariado, por que não há de este unir-se num só bloco para dar combate ao capitalismo?

As centrais sindicais inglesas e russas nomearam já uma comissão mixta para promover um congresso internacional de unidade. A idea está em marcha. E' preciso forçar os nossos sindicatos e federações a tomar posição sobre esta questão fundamental.

A questão do voto proporcional e das uniões de sindicatos por distritos em vez dos concelhos, eis outras tantas questões a debater nas celulas e secções.

Na ordem do dia há neste momento dois grandes problemas a solucionar — o desemprego e a vida cara, de que nos occupamos com certa largueza noutra parte do jornal.

Os secretarios das celulas devem por questões desta natureza em ampla discussão e enviarem ao nosso jornal os extractos e resumos dos debates travados.

PARA A FRENTE!

CONTRA O MOVIMENTO DAS DIREITAS

o proletariado deve lançar-se na ofensiva pela conquista das massas, com um programa realista

Caía o governo.

A experiencia do governo da esquerda constituiu para o proletariado uma vasta colheita dos mais ricos ensinamentos que é necessario realçar para conveniente educação das massas.

Nada é possível fazer-se dentro das formulas burguesas de administração publica, tal é a conclusão fundamental a tirar do exame dos factos.

A crise nacional só se resolve ou pelo sacrificio do principio historico da propriedade e dos privilegios inerentes ou pelo sacrificio do proletariado, expresso no alargamento da jornada do trabalho e na redução dos salarios, daqui não ha que sair.

A guerra entre o governo e as oposições foi uma luta entre o principio da propriedade e os interesses colectivos

As propostas de lei e decretos do governo sobre a abolição dos monopólios dos fustos e dos tabacos, sobre a reforma bancaria e a lei agraria tiveram o condão de levantar contra elle todos os elementos da direita, sobretudo a União dos Interesses Economicos. A attitude desta gente foi de guerra aberta e inflexível, de luta e insurreição declarada. E em boa logica não se poderá dizer que esta gente não tinha razão. Que fez o governo? Nas suas propostas e decretos havia visivelmente um ataque ao principio historico da propriedade, havia uma declaração de guerra aos privilegios creados. Um governo burgues só pode governar de accordo com os interesses burgueses.

A luta, pois, só aparentemente se travou entre o governo José Domingues e as forças da direita. No fundo, o que ha é uma guerra de vida ou de morte entre o principio do direito de propriedade e seus consequentes privilegios, dum lado, e os direitos da colectividade, do outro.

Na luta travada entre o governo que personificava, de certo modo, neste momento, o ataque ao principio historico da propriedade e as forças da direita que exprimiam o principio oposto, qual deveria ser a attitude do proletariado? Manter-se neutral e independente? De modo algum. Contra as forças da direita, o nosso dever era incitar e animar a luta, fazendo assim o nosso proprio jogó.

Pois não havia maneira de desenvolver o combate contra as direitas sem se cair na estúpida e comprometedora aliança com o governo? Pois então havemos de ver eternamente atrelada a classe operaria a grupos que são estranhos á sua ideologia e ás suas soluções?

O proletariado precisa de contar com o apoio das grandes massas populares, precisa de agitá-las, levá-las ao combate. Ora para que elas se movam e apoiem o proletariado é indispensavel que este agite um programa realista.

Como se devem agitar as massas operarias

Em que deve consistir esse programa?

Para o proletariado industrial e agricola ha neste momento dois grandes problemas — o desemprego e a vida cara.

Quais as soluções a adotar?

1.º — O subsidio a todos os desempregados equivalente a 50 % do salario normal, direito já conquistado pelo proletariado em todos os países civilizados.

2.º — Abertura de trabalhos publicos extraordinarios — estradas, caminhos de ferro, construções e colares, casas economicas, intensificação do trabalho nos estabelecimentos do Estado, etc.

3.º — Garantias de credito e facilidades para a organização das cooperativas de produção operarias.

Para a vida cara: 1.º — Estabelecimento dum salario minimo fixado em função do preço das mercadorias, revisto de tres em tres meses.

2.º — Abolição da lei dos preços dos trigos e monopólio da importação e distribuição dos cereais panificaveis, pelo Estado, com o controlo dos sindicatos operarios e das cooperativas.

3.º — Nacionalização da industria da moagem e sua organização num truste do Estado.

4.º — Redução dos direitos aduaneiros a taxas meramente estatísticas para os generos de primeira necessidade — o assucar, o arroz, o bacalhau, etc.

5.º — Facilidades de credito e de organização das cooperativas de consumo.

6.º — Nacionalização da propriedade latifundiaria mal aproveitada e sua distribuição por familias camponesas.

A estas reclamações o Estado opõe sempre a penuria dos seus recursos financeiros. Nós replicaremos que o Estado pode arranjar os recursos indispensaveis:

1.º — Confiscando 50 % das fortunas particulares superiores a 500 contos e uma percentagem proporcional regressiva até ás fortunas de 100 contos.

2.º — Reduzindo as despesas militares que não afectem os soldados e marinheiros, sargentos e officiais subalternos.

3.º — Agravando a contribuição de registo por titulo gratuito.

Como se devem conquistar as massas camponesas, grande reserva do proletariado

O proletariado industrial e agricola forma no nosso paiz uma parte pouco importante da população. Ele precisa, pois, de agregar á sua volta todas as camadas descontentes da população, e precisa de adquirir e conquistar aliados.

Ha uma poderosa reserva de que é preciso lançar mão, se não queremos correr o risco de a ver li-

gada á burguesia — os pequenos proprietarios agricolas e os rendeiros, empobrecidos e expoliados pelos grandes proprietarios e pela finança, que lhes arrebatam o melhor das suas energias e esforços. Pequenos proprietarios e rendeiros formam no nosso paiz uma massa de população não inferior a 750.000 pessoas que, com as familias, subirá a 3 milhões, isto é, metade da população do continente. A conquista desta enorme massa de população, é para o proletariado uma questão de vida ou de morte. Apoiado nesta massa o proletariado não poderá duvidar do seu exito; todo o contrario, sem o seu apoio, toda a victoria é impossivel.

Esta massa é inconquistavel se lhe não falarem aos interesses, aliás legitimos.

Nós propomos as seguintes reclamações:

Para os pequenos proprietarios — luta contra a actualização dos impostos que afecte a pequena propriedade.

Para os rendeiros — luta contra a lei 1645 que decuplicou o preço dos foros e multiplicou pelo coeficiente minimo de 15 o preço das rendas.

Para ambos — facilidades e garantias de credito a juro modico, que actualmente só se concede aos grandes exploradores pelo Credito Agricola. Fornecimento a bom preço e a prazo de adubos, gado, sementes e alfaias, pelo Estado.

Como se devem neutralizar outras camadas intermediarias

Ha que neutralizar os pequenos industriais e comerciantes, mesmo porque o proletariado não poderá suprir a função que eles exercem na economia geral.

E' preciso reclamar para eles:

1.º — Alívio e não agravamento das contribuições que afectem a pequena industria e o pequeno comercio.

2.º — Facilidades e garantias de credito para as pequenas explorações da industria e do comercio.

Solução unica — governo de operarios e camponeses

Não somos um paiz industrial. O proletariado é uma minoria da população. Se ele não conquista as camadas intermediarias, outros o farão. E contra a maioria da população não se triunfa.

Evidentemente, nenhum governo burguez satisfará estas reclamações. Mas isto mesmo servirá a demonstrar a todos os interessados que dentro do regime actual de administração publica é impossivel melhorar a sorte do proletariado industrial e agricola, dos desempregados, dos rendeiros, dos pequenos proprietarios, industriais e comerciantes.

Perante este convencimento, os interessados exigirão então que se dê o golpe decisivo, que seja o proletariado, guia e director do movimento, que execute aquilo que quer ver executado. Será o momento de dar o assalto á cidadela burguesa, já desmoronada e desguarnecida.

Carta aberta

AOS

Camaradas portuguesas

Eu trouxe da minha estada em Portugal — demasiado curta, infelizmente — uma excelente impressão. Mas esta impressão não é somente a dum turista que admira as belezas do paiz de Cambões e de Guerra Junqueiro; paiz tão hospitaleiro que pode ser comparado á Russia dos Sovietes.

A impressão excelente que se trouxe é sobretudo quanto ao ponto de vista da revolução proletariana.

Existem de facto condições objectivas revolucionarias em Portugal. A miseria é extensa em virtude da crise economica profunda que afecta o paiz e bastante elevada a percentagem dos desempregados em Lisboa e Porto. A crise financeira provoca um sensivel enriquecimento da vida. A instabilidade politica traduz-se por sucessivas mudanças de governo. Portugal que foi um dos primeiros países colonizadores, tornou-se uma autentica colonia da Inglaterra.

Porém, as condições objectivas não são suficientes para que a revolução proletariana se torne victoriosa. As condições subjectivas são indispensaveis. Elas não existem ainda em Portugal. E' dever do P. C. creá-las.

Por isso, é preciso que o P. C. P. complete a sua bolchevisação, indo á conquista das massas segundo a palavra de ordem do V Congresso da I. C. E' preciso que o P. C. P. tome em mãos as reivindicações materiais dos trabalhadores das cidades e dos campos e se torne o seu melhor defensor. E' preciso que os operarios e os camponeses vejam *praticamente* que o P. C. P. é o unico defensor dos seus interesses.

Como os comunistas não podem enganar os trabalhadores, devem demonstrar-lhes pela analise da economia capitalista em decomposição que eles, trabalhadores, não poderão obter verdadeiras reformas nem beneficios tangiveis para a sua situação miseravel, nos quadros do regime burguez, quaisquer que sejam os homens que governem. Só um governo de operarios e de camponeses pode melhorar a sorte de todos os trabalhadores. Mas para instaurar um tal governo, é preciso fazer baquear pela violencia o regime capitalista e despachar todo o mecanismo do Estado burguez.

Eu sou optimista quanto á capacidade revolucionaria dos trabalhadores portugueses e da sua vanguarda o P. C. P., muito ao contrario do que afirmam o *Diario de Lisboa* e a *Batalha*. O P. C. P. é composto dumha pleiade de militantes dumha probidade e dumha dedicacão á classe operaria que os torna respeitados mesmo pelos seus piores adversarios. O P. C. P. tem diante de si uma grande tarefa a cumprir e grandes responsabilidades a assumir também. Eu espero que os seus dirigentes se mostrem á altura dos seus deveres no momento oportuno.

O paiz que deu os melhores marinheiros do mundo, provou já na historia da luta de classes e provará ainda mais, amanhã, que os revolucionarios portugueses são da mesma tempera que os seus marinheiros celebres.

Viva o P. C. P. ! Viva a I. C. ! Viva a Revolução mundial !

M. Dupuy

O COMUNISTA

Vende-se na Tabacaria da Brazileira do Rodio e no Kiosque Sanches, Praça dos Restauradores.

A democracia burguesa

A menos que queiramos trogar do senso comum e da história, é evidente que se não pode falar de democracia para enquanto existirem classes distintas. Pode falar-se de democracia de classe. A democracia para não é senão uma frase dos liberais destinada a enganar os trabalhadores. A história conhece somente a democracia burguesa que substituiu o feudalismo, e a democracia proletária que suplanta a democracia burguesa.

Quando Kautsky e outros consagraram dezenas de páginas a pretender provar que a democracia burguesa é um progresso em relação à Idade Média e que o proletariado deve servir-se dela na sua luta contra a burguesia, eis outra vez ainda a fraseologia liberal destinada a iludir os trabalhadores, porque isto é uma verdade evidente tanto na Rússia inculta como na Alemanha civilizada.

Kautsky toma do marxismo o que é admissível para os liberais, para a burguesia (crítica do feudalismo, papel histórico útil do capitalismo em geral e da democracia em particular, etc.) e lança pela borda fora, passa sob silêncio ou deixa na sombra o que, no marxismo, é inadmissível para a burguesia (violência revolucionária do proletariado contra a burguesia até seu aniquilamento total, etc.).

A democracia burguesa, embora constituindo um progresso imenso sobre a Idade Média, fica sempre, e nem doutra maneira poderia ser, sob o regime capitalista, um regime estreito, mentiroso, hipocrita, um paraíso para os ricos, um inferno para os explorados e para os pobres.

É preciso lembrar a Kautsky e

seus consortes o que a este respeito disseram Marx e Engels:

—Não somente o Estado antigo e feudal mas também o Estado representativo moderno é um instrumento de exploração do trabalho salariado pelo capital.

—Porque o Estado não é senão uma instituição transitória de que é preciso servir-nos na luta, na revolução, para abatermos os nossos adversários, é um contrassenso falar-se de Estado popular livre: o proletariado tem necessidade do Estado não para salvaguardar a liberdade mas para esmagar os seus adversários. Quando chega o momento de falar-se em liberdade, o Estado como tal deixa de existir.

Tomai as leis fundamentais dos Estados contemporâneos, tomai o seu governo, tomai as liberdades de reunião e de imprensa, tomai a igualdade dos cidadãos perante a lei, e vós vereis a cada passo a hipocrisia da democracia burguesa, bem conhecida de todo o trabalhador honesto e consciente. Não ha Estado, mesmo o mais democrático, que não tenha na sua constituição um pretexto, uma justificação para a burguesia lançar as suas tropas contra os operários, para decretar o estado de sitio, etc.

Toda a tentativa do operariado para sacudir a escravidão que o esmaga, é uma perturbação da ordem e como tal impiedosamente reprimida. Este facto repete-se por toda a parte, nos países republicanos e democráticos da Europa e da América.

(De La révolution prolétarienne)

LENINE

Actos do Executivo

Para os devidos efeitos se comunica a todas as secções partidárias que o Secretariado da I. C. aprova a seguinte resolução:

A pedido do Comité Central do Partido Comunista Português, o Executivo da I. C. autoriza o P. C. P. a readmitir na plenitude dos seus direitos, com a condição de não renovar qualquer trabalho fraccional, ou camaradas suspensos ou excluídos quando do 1.º Congresso partidário, que o Partido julgar oportuno reintegrar por virtude da sua attitude leal para com o S. P. e a I. C.

Consequentemente, são consideradas nulas e de nenhum efeito as expressões contidas na resolução publicada em O Comunista, n.º 7, na parte concernente aos camaradas que se refere a proposta da C. C. do Partido Comunista Português, aprovada em 30 de Novembro de 1924 e publicada em O Comunista, n.º 25, e na parte referente também aos membros da Junta Nacional das Juventudes Comunistas.

A verdadeira base do nosso partido

O capitalismo junta os trabalhadores nos locais em que trabalham. Eles são obrigadamente ai reunidos pelas proprias forças economicas.

Nesses mesmos lugares de trabalho eles são compelidos a associar-se e juntos dar o seu trabalho, sofrer afrontas, experimentar necessidades, lutas com os patrões — a classe capitalista. Portanto a base real da organização das classes trabalhadoras deve, evidentemente ser dentro das fabricas e officinas, nas empresas industriais, em geral.

Para fazer frente ao capitalismo, eficazmente, os operários devem organizar-se no proprio seio da engenhagem industrial.

Porém isto não é tudo. Nós pretendemos o controlo, pelo proletariado, das industrias da região. Como será possível aos trabalhadores exercer esse controlo se eles não estiverem organizados dentro dessas industrias?

Lenine disse que o melhor meio de formar um poderoso e indestructivel Partido Comunista, era lançar os seus alicerces nas fabricas e officinas. Quanto mais pensamos nestes ensinamentos mais provado fica serem eles basicamente sãos e logicamente correctos.

Dia a dia, a experiencia das lutas dos trabalhadores de todo o mundo está acentuando a justezza destes palaeos.

Todas as forças da reacção capitalista, do Fascismo e do Terror Branco, são impotentes para destruir o Partido Comunista, uma vez que ele esteja firmemente estabelecido nos proprios limites das industrias.

O unico meio de destruir o Partido, seria, então, a destruição do proprio sistema industrial capitalista. Eis a razão porque recomendamos ao insistentemente a todos os membros do nosso Partido, para formar grupos à volta de si nos lugares onde trabalham. Bem sabemos ser essa uma tarefa arduada e perigosa.

Porém, os Comunistas — os sectarios do valente Lenine, que vivem rodeado de perigos toda a sua vida, para que progredisse o causa da emancipação dos trabalhadores — devem estar preparados para correr todos os riscos.

Quem não se arriscou não perdeu nem ganhou.

E assim como os nossos antepassados, ha um seculo, acharam meio de organizar as suas 'Associações de classe' a despeito dos terrores e perseguições da classe então preponderante, assim nós, hoje, devemos descobrir caminhos e meios para formar os nucleos activos do Partido Comunista.

O primeiro dever dum membro do Partido, trabalhando uma fabrica ou officina, é levar alguns dos camaradas que com ele trabalham a filiar-se no Partido e assim formar um nucleo tendo sempre em vista que esta é a melhor forma de empregar a sua actividade no interesse do Partido.

Do The Workers Weekly

Tradução de A. Rodrigues.

Biblioteca Comunista

Volume publicados

Lenine: Os Comunistas e os Camponeses, 1550. — Pelo correio, 1470.

J. Carlos Rates: O papel das Comunas e a Questão Agraria, 2400. — Pelo correio, 2220.

Pedidos a Ferreira Godinho, rua do Arco do Marquez d'Alagrete, 30, 2.º

E' possível a unidade internacional?

Tornaveis reformista e a unidade far-se-há — dizem alguns homens de Amsterdão. São palavras em pura perda. Os comunistas não tem motivo algum para se transformarem em reformistas e quem esperar vê-los obter um palmo de terreno não compreendo nada nem de comunismo nem de unidade.

Se os reformistas não cedem a os comunistas também, a unidade sindical será impossível — julgará o leitor. E' um erro. Nós não exigimos que os reformistas se tornem comunistas e também não aceitamos a inversa.

Nós não deveremos pôr, nem uma nem outras, condições prévias inaceitáveis — diz a I. S. V. Reunamos os delegados das duas Internacionais sindicais em lugar e dia designados da comum accordo; contraponemos igualmente os sindicatos que não portem em nome a uma nem a outra das Internacionais e que o congresso assim constituído estude concretamente a luta contra a offensiva do capital e a reacção fascista.

Aí crezar-se-há a unidade sindical internacional.

Aqueles que tiverem a maioria no congresso farão adotar as suas resoluções e terão a maioria nos órgãos centrais. Os estatutos da nova Internacional corresponderão ao ponto de vista da maioria. A I. S. V. e a F. S. I. dissolverão neste congresso as suas organizações para as fundir em uma única Internacional. Comunistas e trabalhadores revolucionários de todos os países, declaramos pelos órgãos da I. S. V. e da I. C. que nós nos achamos em minoria na nova Internacional, nos submetemos à sua disciplina, trabalhando todavia por alargar a nossa influencia sobre as massas. Se os adversários do comunismo fizerem uma declaração analoga, a situação tornar-se-há absolutamente clara.

A massa operaria compete julgar que tactica — a dos comunistas ou a dos reformistas — corresponde melhor aos seus interesses. Não receamos submeter a nossa tactica ao julgamento de milhões de proletários. Possam os

adversários do comunismo falar com a mesma franqueza.

Perguntamos: — o que há de aceitavel nesta proposta para um proletrario de qualquer tendencia que seja? Se os chefes da Internacional de Amsterdão estão convencidos de que tem atraz de si a grande maioria dos trabalhadores, por que temem elles de apresentar-se num congresso internacional de unidade? Essa maioria ficticia-há fiel e determinará a politica da futura Internacional unica. Tudo é claro nesta proposta. Nós propomos a todos aqueles que por toda a parte fazem grande alarido do seu espirito democratico, a maneira mais democratica de refazer a unidade do movimento sindical tido despedaçado neste momento. Os adversários da I. S. V. recusam esta proposta democratica e proletariana o para dissimular o seu temor da democracia operaria accoem com o apasntaio do perigo comunista.

Se nós deixassemos toda a nossa accão pela unidade depender de tais chefes ou de tal grupo de chefes, comprometeriamos a propria causa da unidade. A questão resolver-se-há nas fabricas e officinas. Pode differir-se a unidade, pode sabotar-se as propostas concretas, pode fazer-se desviar o debate em logar de responder com precisão, mas não se pode deter a marcha das massas operarias para a unidade.

A mobilização das massas para a unidade é o dever e mais importante da hora presente. A maioria dos chefes de Amsterdão pensam tornar a questão, apesar da tendencia esquerdistica cada vez mais importante no seio das suas proprias organizações. Se a Internacional de Amsterdão não cedo a vontade de unidade dos seus proprios membros ella, será empolgada pelo movimento e a unidade far-se-há contra a vontade dos seus dirigentes.

Com os chefes ou sem os chefes, o movimento sindical internacional, actualmente despedaçado, realizará contra o capitalismo do mundo inteiro um bloco poderoso.

Losovsky.

J. CARLOS RATES

A Russia dos Sovietes

As teorias revolucionarias. Como se fez a revolução. Os homens e os factos. A vida economica e social. Aspectos da Russia

Editado pela livraria Gaimarães, da rua do Mundo, deve ser posto à venda, dentro em pouco, um volume de 200 paginas, com o titulo e sub-titulos acima indicados. Esta obra, feita no intuito de dar a conhecer a Russia, tal como ella é, os seus homens em evidencia e os seus principios, divide-se nas seguintes partes e capitulos:

Introdução — Marxismo. — Concepção materialista da historia. Teoria da mais valia, accumulção de capitais e concentração das forças economicas. O conflito entre o regime de produção e o regime de propriedade e a luta das classes. A ideia do Estado.

Leninismo — O metodo e a teoria. A ditadura do proletariado. A aliança dos proletários e dos camponeses. A questão das nacionalidades. O partido revolucionario, a estrategia e a tactica. Os precedentes da Revolução bolchevique. — De 1905 a Março de 1917. De Março a Novembro de 1917.

Os chefes revolucionarios. — Lenine, Rykov, Zinoviev, Kamenev, Trotsky, Dzerjinsky, Stáline, Boukharine, Frounze, Koubichev, Smirnov, Torsky, Kadnino.

O moito decisivo. — Os acontecimentos de Leningrado. A luta em Moscou. A accão dos anarquistas.

A Russia sovietica. — O Partido Comunista Russo. Comunismo de Guerra e Nova Politica Economica. A União das Republicas Socialistas Sovieticas. Finanças Publicas. O commercio externo. Caminhos de ferro. A agricultura. A industria. Electrificacão. Cooperativa. O commercio interno. As condições de vida material do operario russo. A organização sindical. Instrução publica. A arte. Higiene e saude publica.

Em terras russas. — Moscou, a capital dos Sovietes. O presidente da Republica. A Igreja e o povo. O protesto contra a guerra e o Exercito Vermelho. Uma festa militar. Os antigos palacios, os armazens, as fabricas. O povo, os seus habitos, os banhos publicos. O tumulto de Lenine. Leningrado. Uma civilização que despenha.

A situação dos rurais

Bem haja O Comunista, que dum forma tida diga vem dando hospitalidade à vez obscura mas leal do camponês. Mercê dessa nobre attenção, elle vac-se tornando pouco a pouco, o grande amigo dos que, numa longa jornada de 11 e 12 horas de trabalho, labutam afanosamente, desde as lezírias do Ribatejo, até ás tórridas planícies alentejanas.

É graças ao carinho abrigio que nos vem sendo dispensado pelo porta-voz do P. C. P. que nós, os rurais, vamos estando ao corrente do que se passa entre a numerosa familia camponesa, transmittindo por este meio os nossos desaoços, de localidade para localidade. E tanto assim é, que eu, aproveitando o ensejo, restituindo apreço, escrevi um artigo publicado no ultimo numero do Comunista epigrafado: «Os trabalhadores rurais de Coruche». A autoria do mesmo dedicado amigo e camarada Ferreira Quartanilha.

Conta este camarada que, em Coruche, assim os trabalhadores para o campo, a segunda feira, sem seborcom o salario que vão auferir.

Semelhante coisa, nos tempos que vão correndo, é simplesmente vergonhosa. Mas não é somente em Coruche que tal absurdo se dá. Em S. Manços, ainda não ha muito succedeo outro tanto. E para prova de que em S. Manços se dá identica anomalia, basta citar o seguinte facto:

Três patrões, provavelmente combinados, contrataram um certo numero de trabalhadores. O primeiro, ao contratar os seus disse: que lhes pagaria pelo prepo que o 2.º e 3.º dias pagassem; e o 2.º e o mesmo que o 1.º e 3.º, por sua vez, fez tambem o mesmo que o 1.º e o 2.º. De modo que, chegou o sabado e os trabalhadores sem saberem quanto teriam a receber; e os patrões por seu lado, alegavam tambem não saberem quanto pagar. — Uma autentica farsinha.

Em resumo: tiveram de acabar por fazer as férias ignais ás de os outros que tinham saído para o campo já com preços marcados. Devido a estas e outras de igual qualite, os trabalhadores acabaram por se revoltar contra tais injustiças, e revoltaram, na sua maioria, não saírem a trabalhar para o campo sem saberem qual o salario a ganhar. Bem hajam elles. E' assim, pois, que não só todos os trabalhadores de S. Manços como os de Coruche, e ainda os de toda a parte, devem fazer.

E' ali na Praça, a segunda-feira, que se ajunta a jorna antes da saída para o campo. Foi a essa maneira pratica de sabermos quanto vão ganhar; e o 2.º e o mesmo que o 1.º já é tempo, meus amigos, de tomarmos a nossa posição na luta contra o patroaço.

S. Manços, Agosto de 1924.

Adriano José Neto

Trabalhador rural

O Comunista

Vende-se na tabacaria de Brasileira, do Rocio e no kiosque Sanches, praça dos Restauradores.